



II SERIE—N.º 787

5 de Abril de 1920

20 cent.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 2\$60 ctv.
Semestre 5\$00 "
Ano 10\$00 "

Redacção, administração e officinas: Rua do Saeiro, 43 — LISBOA



O MELHOR PRODUCTO
DO MERCADO.

O MAIS MODESTAMENTE
APRESENTADO (PRO-
VISORIAMENTE) PARA
PODER SER APRECIADO
POR TODOS AO PREÇO
DE 0\$35 CADA CAIXA.

Vende-se em todas as boas
Farmacias, Perfumarias e
Drogarias.

Depositarios para Portugal,
Colonias e Brazil:

Fau & Palet L.^{da}

R. Aurea, 101, 2.º, D.

LISBOA

Academia Scientifica de Beleza

Directora MADAME CAMPOS

Avenida da Liberdade, 23 — LISBOA

TELEFONE 3641

Só n'este estabelecimento as senhoras devem fazer os seus tratamentos e comprar os seus produtos de Beleza, por ser o unico competente em Portugal. As clientes d'este estabelecimento distinguem-se pela frescura ideal da cutis.

Consultas gratuitas por correspondencia enviando estampilha.

Depositos em LISBOA: Rua Augusta, 282 — No PORTO: Rua 31 de Janeiro, 234.



Corôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, e na

Camelia Branca
L.º D'ABEGOARIA, 50
(ao Chiado) - Telef. 3270

M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no
passado e presente e
prediz o futuro.

Garantia a todos os
meus clientes: com-
pleta veracidade na
consulta ou reembolso
do dinheiro.

Consultas todos os
dias uteis das 12 as 22
horas e por correspon-
dencia, enviar 15 cen-
tavos para resposta.

Calçada da Patriar-
cal, n.º 2.1.º, Esq. (Gi-
mo da rua d'Alegria,
lado esquerdo)

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 737

Lisboa, 5 de Abril de 1920

20 Centavos

CRONICA

SEMANA SANTA

E' a Semana Santa, para a cristandade, um periodo de pungitiva tristeza, pela tragedia que memora, mas por tacito consenso alguns breves deleites se permitem aos penitentes que lhe guardam o luto, pois que se o tempo não apaga todas as dôres, esbate-as fatalmente, libertando os espiritos de preocupações demasiadamente absorventes. Os feis acorriam aos templos, para ali relembra-rem em intimo recolhimento a desoladora jornada que vai das Trevas ao Calvario, mas a devoção não impedia que dedos tremulos de namorados se encontrassem e acariciassem na pia da agua benta,



nem que no trajeto da dolorosa peregrinação esta fosse amenizada com breves paragens nas confeitarias, onde se saboreavam convidativas amendoas, entre risinhos discretos e ditos profanos. Este ano, porém, a alta do açúcar modificou o programa, as amendoas subiram a um preço doído, de modo que a concorrência diminuiu, não só ás casas de dôces — o que seria natural — mas também ás igrejas, facto este que alguém quer atribuir á mesma causa, como se o fito principal da romagem fosse a gulodice e a visita aos lugares sagrados um incidente secundario e dispensavel.

Não é essa a nossa opinião, sem deixarmos, contudo, de reconhecer que os espectaculos religiosos teem de sofrer, se quiserem readquirir a antiga concorrência, algumas alterações que os modernisem e tornem atraentes. Por exemplo, a distribuição gratuita de amendoas nas igrejas contribuiria sem dúvida para um forte resurgimento da entibiada fé.

FAMINTOS

O correspondente do «Seculo», em Evora, telegrafou o seguinte, para esse jornal, em 23 do mês passado:

«Com as lagrimas nos olhos dirigiram-se-nos os policiaes pensionistas desta cidade, pedindo-nos para no «Seculo» implorarmos do sr. governador civil que venha em seu auxilio, a fim de não morrerem de fome... Não podendo viver com a mísera pensão diaria de \$29,4 vêem-se na necessidade de ir ás portas dos quartas sobras dos ranchos dos solda-

dos...»
As lagrimas dos homens são ainda mais como-



vedoras do que as das mulheres, na frase d'um autor celebre, a quem nunca passou pela cabeça que um policia pudesse chorar. Ha monstruosidades que a mais rica fantasia não consegue architectar, porque são a negação de todas as leis da natureza; trata-se d'uma das tais, que a estas horas deve ter cessado, porque, a prolongar-se, já se teria dado um cataclismo cosmico.

DOÇURAS

Os empregados das subsistencias lograram descobrir ha dias que algumas mulheres levavam para fóra de Lisboa grandes quantidades de açúcar, transportando-o em vasilhas de lata que escondiam debaixo do vestido, com formas varias, de maneira a confundirem-se com as saillencias proprias do belo-sexo. Alguns centos de quilogramas foram apreendidos, o que abona o zelo fiscal e o engenho das contrabandistas, mas não a argucia d'estas. Que cegueira as tomou, para se julgarem ao abrigo de indiscrições? O olhar dos homens podiam elas iludir e até perturbar, encadeado por tão soberba geometria, mas como era possivel enganar o toque de pessoas experientes, que jámais confundiriam o tecido celular com a folha de Flandres?



Quanto á hipotese de julgarem que não seriam apalpadadas, não deve ter ocorrido ás delinquentes. Toda a gente sabe que o apalpão é das instituições nacionais aquella cujos preceitos mais fervorosamente se praticam.

LIVROS

Temos ha dias sobre a mesa as «Paginas de sangue», de Sousa Costa, mais um trabalho em que o illustre escritor se firma com raro poder de suggestionar. E' a historia das guerrilhas politicas da primeira metade do seculo passado, em Portugal, os crimes dos Brândões, Marçais, etc., que ainda hoje vivem na memoria do povo e que apaixonaram toda a gente, conquistando odios e simpatias, a ponto de haver quem se oferecesse espontaneamente para defender perante os juizes o proprio João Brândão...

A nova obra de Sousa Costa é duplamente recomendavel, como literatura e como lição.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira)



CANARIO ALEMÃE

pele
VISCONDE DE SACAVEM (JOSE)

Canario alemão por
A. Smith.

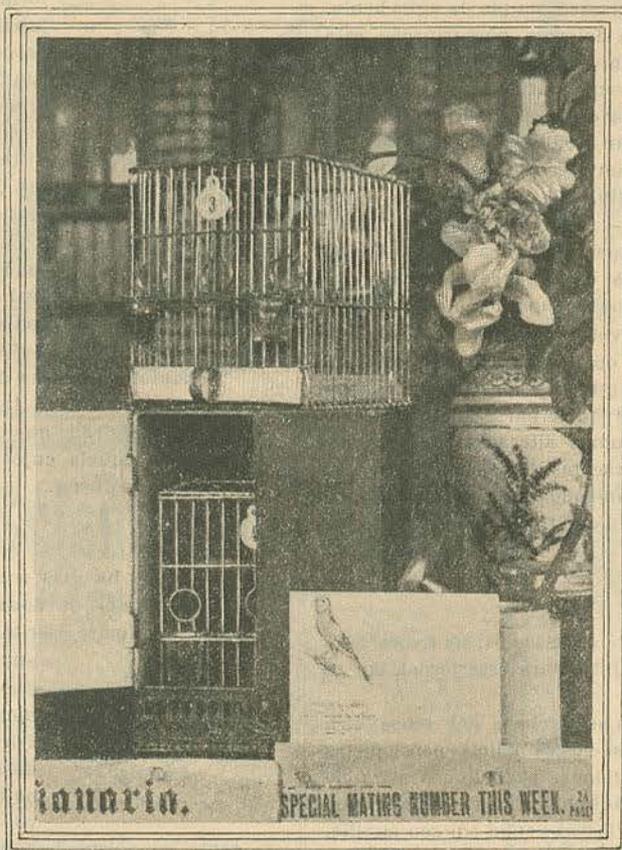


Um dia, ha talvez dose anos, tive de ir á Embaixada de Hespanha para falar ao Secretario particular do Ministro; tratava-se de um passaporte de um cocheiro galego, que eu desejava obter do Consulado. Entrei na Embaixada e logo me veio falar o meu amigo, conto-lhe o que desejava e ele sempre franco e amavel disse lo-

go que «todo se arreglará», espera aqui no escritorio do meu Ministro, que foi hontem para Madrid, vou n'um instante arranjar a correspondencia, leva-la ao correio, e de caminho vou ao Consulado, «todo se arreglará» espera um pouco». Ali fiquei vendo o lindo aposento cheio de coisas d'arte, quadros de grandes mestres, faianças de Talavera e muitas portuguezas, bronzes, Saxes, Sèvres, riquissimos tapetes que não deixavam ouvir os passos; no salão, templo d'arte onde reinava absoluto silencio, sentei-me n'um cadeirão inglês, e d'aí a momentos ouvi dar dois quartos n'um carrilhão rendilhando parte de um minuete, mas quando terminou

de dar as duas e meia o velho Spencer, oiço ruido do lado do biombo lacado que vedava um canto sombrio, uma voz que parecia de um pequeno órgão tocando ás vezes sinos de cathedral, depois o ruido da agua a borbulhar nos lagos, com notas de harpa fortes e fracas levadas pelo vento com ais e lamentos; fiquei deveras maravilhado sem saber o que era, julguei um relógio que tivesse aquela caixa de musica; quando D. Fernando voltou perguntei-lhe logo o que aquilo era.—Ah! sim já sei, respondeu ele, é o flauta. — Mas o que chamas tu o flauta?— Nós chamamos Flautas aos canarios alemães; vendem-se muitos em Lille, Roubaix, Barcelona, ha pequenas localidades na Alemanha que exportam

50 contos e mais para Inglaterra e Nova York onde os pagam por muito dinheiro; este foi dado pelo nosso Rei ao Ministro.—Mas onde está ele?—«Ali»—e apontou-me para uma pequena caixa lacada com dourados e duas portinhas com vidros fôscos. Abriu e tinha dentro uma pequena gaiola de arame com comedouros de vidro, um com agua e outro com Coltz. — Sim, estes animaes só comem esta semente, que vem da Alemanha, um pouco de verdura ou fruta, mais nada; olha, são quasi tres horas, tenho de ir ao correio, depois passarei pelo consulado, está claro que «todo se arreglará». Separámo-nos e fiquei sempre a pensar em mandar vir d'esses



Gaiolas de canto.

passarinhos para os criar em Portugal. Mandei vir os primeiros de Lille, depois de Roubaix, mas como não me agradaram fiz encomendas aos passarinhos ingleses; eram professores de 90 «sch» seleccionados entre milhares que vinham da Alemanha; ainda assim eles não eram bons, chegou a época da guerra e não me foi possível importar mais; criei sempre com os meus passaros antigos.

Em alemão chama-se a esta ave «Edelroller» — em espanhol «Canario flauta» — em inglês «Roller canary». Não devemos confundir esta raça com os Belgas.

Hollandeses, etc., que são animais decorativos, mas que são detestáveis cantores; os seus cantos quasi se pode dizer que são compostos com os cantos defeituosos do Roller. E' impossível descrever satisfatoriamente o Roller que só tem de belo, artistico e poetico o seu canto; o aspecto é o do canario vulgar, são amarelos, verdes ou variegados; não quer dizer nada para a qualidade do canto o seu tamanho, apesar d'isso hoje ha uma tendencia de dar preferencia aos verdes e grandes; eu mesmo já tinha verificado que os verdes teem a voz mais suave que os amarelos e os grandes teem o timbre mais grave.

Na maneira de cantar do Roller a posição do corpo é quasi vertical e pôde-se dizer que quasi sempre canta com o bico fechado e na garganta forma uma grande saliência, como se costuma dizer «canta de papo», e pela forma de dispôr a cabeça, os praticos chegam a saber, no meio de centos de canarios a cantar, qual d'elles canta bem. Nota caracteristica: o bom canario alemão canta com o bico fechado e só o abre levemente para passar d'um «tour» (cantiga) para outro. Vou

dar a copia dos varios cantos ou «tours» dos «Rollers» que os vinte e tantos «clubs» reunidos em Inglaterra resolveram, na sua «Union» ser a forma de julgar nas exposições de 1920.

H. R. Hollow Roll. .to 8, trilos ôcos—K. Koller. .to 8, «koller», canto parecido com o ruído que faz o perú—B. R. Bass Roll. .to 8, trilos graves—G. Glucke. .to 5, «glucke» parece uma galinha a chamar pintos—G. R. Glucke Roll. .to 5, «glucke» em trilos—W. G. Water Glucke. .to 5, «glucke» dentro d'agua—B. G. Bell Glucke. .to 5, campainhas «Glucke»—D. B. W. T. Deep Bubbling Water, Tour. .to

5, profundo borbulhar d'agua—S. Schockel. .to 5, canto parecido com o som da palavra—H. B. Hollow Bell. .to 5, campainhas graves—W. R. Water Roll. .to 5, trilos de baixo d'agua—F. Flute Notes. .to 4, notas de flauta—B. T. Bell Tour. .to 2, campainhas—G. E. General Effect. .to 8, efeito geral.

Defeitos:

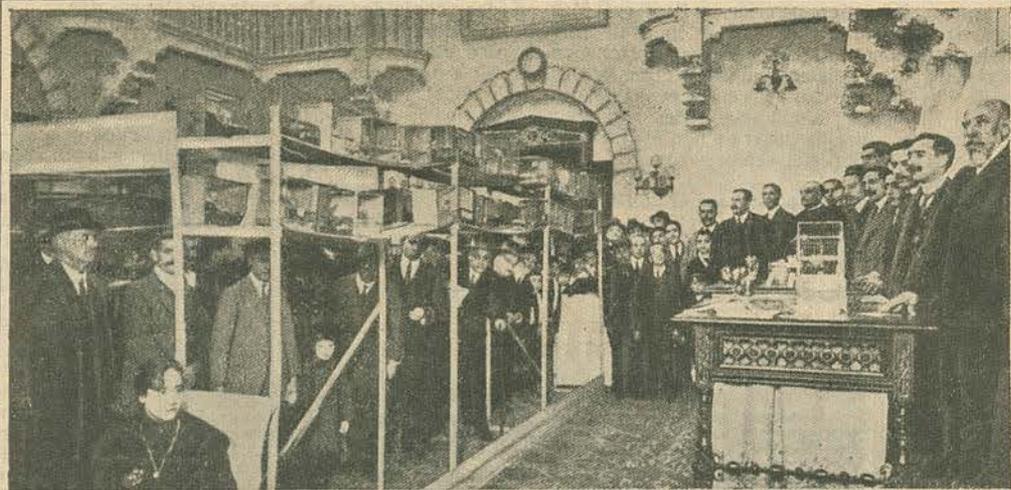
Bell Glucke (faulty) .to 3, campainhas de «Glucke» com erros—A ufzug (hard) .to 3, todo o canto aspero—Flutes (sharp) .to 6, notas de flauta agudas—Nasal Tour (bad) .to 6, canto fanhoso—Schockel

(high) .to 6, Schockel alto—Ugly interjections in song. .to 6, interjeições feias no canto.

No estrangeiro já se não pensa que um Roller possa ter os defeitos dos canarios ordinarios: Zit, Zit; Iss, Iss; Sc, Sc, Sc; Tiau, Tiau; canto curto e bierado de bico aberto. No estrangeiro estes animais valem 3 «sh.» o maximo, mandados vir para Portugal obtinham-se 3\$000 rs. por estas pestes que nós vemos pendurados ao sol por todas as janelas da cidade. Ha porem alguns «tours» ou cantigas que são considerados erros hoje em Inglaterra, mas que ainda figuram como



Secção da casa dos viveiros. Ao centro o orgão do ensino.
(Fotog. do autor).



Concurso Nacional de Canários realizado em Barcelona ultimamente.

qualidades na Alemanha por exemplo o Schwirre, palavra onomatopaica, este «tour» existe ainda nos canários ordinários portugueses.

Vou dar, como exemplo, a classificação d'um passaro que me chegou ultimamente e tomou parte em três exposições, onde teve sempre a mesma classificação, pertenceu a Miss Dockery, uma das primeiras criadoras Inglesas, o seu «strain» é derivado da raça Neugebauer. A classificação do British Roller Canary Club, que é talvez o mais importante, foi a seguinte; H R.6., B.5., G.R.3., W.G.3., S.2., W.R.2., B.G.2., F.2., B.R.2., G.E.4. Total 31 pontos V.H.C. Very High Commended. Este animal é de descendência directa dos Champions de Miss Dockery, e irmão do detentor da taça de 1917. Os expositores mais premiados da Inglaterra são Miss Dockery; H. G. Hill; e J. Aspinall. O «strain» d'este ultimo em Portugal pertence ao Sr. J. Monteiro e o de Miss Dockery a quem escreve estas linhas. O preço destes animaes é elevadissimo, custa um Champion 50 £, hoje em Portugal perto de um conto de réis; as fêmeas uma libra e meia e os canários reproductores (de stok) de £ em diante, a pequena pulseira que tem quasi todos os Rollers, significa que esse animal está registado no livro da «Union» dos vinte e tantos «clubs» ingleses. Para se obterem compram-se aos varios secretarios. Por exemplo, lê-se n'um anel U. 7. 11270, quer dizer que a ave que tem esta pulseira, nasceu em 1917 e tem o n.º 11270 inscrito no livro da Union; escrevendo ao Secretario da Union sabe-se quem é o criador e se esta ave foi

classificada nas inumeras exposições de Rollers em Inglaterra entre os seus seiscentos e tantos expositores. Esta anilha é enfiada no pé direito do joven passaro quando ele tem apenas sete dias de idade. A reprodução destas aves segue a norma vulgar dos canários vulgares; estes aos três meses são separados para pequenas gaiolas (gaiolas de canto) numeradas e postos em lugar com pouca luz, onde só ouvem o canario professor, deve ser local onde reine absoluto silencio; no fim de 6 mezes está terminada a educação. Ha criadores que usam os orgãos fabricados por Queck, e outros instrumentos para lhes ensinarem varios cantos. A minha pequena biblioteca de canários já tem uns vinte volumes em varias linguas, sou assinante do «Cage Birds» e de um jornal da especialidade que dura ha quarenta annos, parou durante a guerra e agora já se publicou o n.º 7, chama-se «Kanaria» de Leipzig. Sou socio do British

Roller Canary Club. Na Alemanha ha o «Ver ein Deutscher Kanarienzuchter», e em Berlim um Club organizado com o fim de aperfeçoar o Gluck e outro com o de aperfeçoar o Koller. Pouco ou nada se pode compreender por um artigo o que seja um Roller, só ouvindo-o; no principio de 1921 com alguns dos meus amigos tenciono organizar a primeira exposição em Portugal, e não temos medo de competir com os Rollers estrangeiros porque hoje já temos os animais de grande valor nascidos em Portugal.



Uma exposição realisada em Barcelona no Parque da Sociedad del Fomento y cria, Fevereiro do corrente ano.

Visconde de Sacavem (José).

Socio do B. R. C. C.

VIDA PORTUGUEZA



Carregando lenha (Montados da Chamusca).—(Cliché do sr. João Fernandes Tomaz).

VIDA ARTÍSTICA

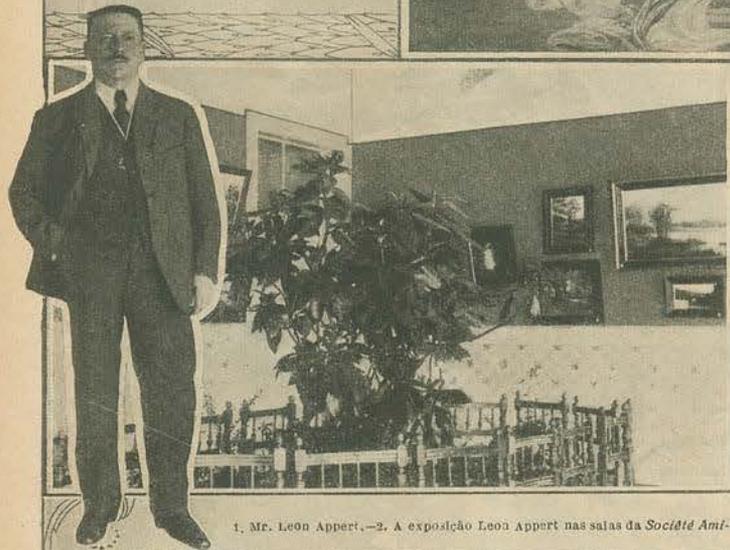
AS EXPOSIÇÕES: Da Arte Belga e Leon Appert



Le Bain, por Constant Montald.



Lune (Vigo) (n.º 2 do Catalogo). Quadro de Leon Appert



1. Mr. Leon Appert.—2. A exposição Leon Appert nas salas da Société Amicale Franco-Portugaise.

Duas exposições estrangeiras nem menos se abriram atualmente entre nós. A exposição da Arte Belga, na Sociedade Nacional de Belas Artes, á rua Barata Salgueiro, e a exposição da Arte Moderna em Portugal, á rua do Senador Leal, afirmam-se em trabalhos dignos de admirar. Quanto á escultura, também está representada por trabalhos, que só por si fazem uma exposição digna de ser visitada.

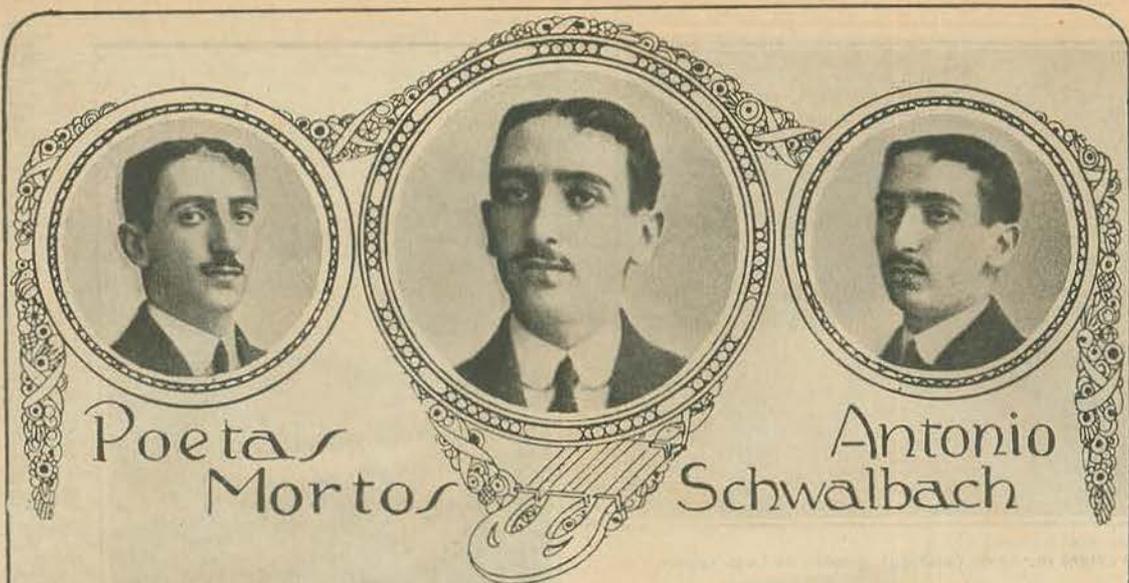
A exposição Leon Appert compõe-se de trinta e três trabalhos originaes, trinta e três quadros que demonstram as faculdades de inspiração e técnica do seu autor. São excelentes e curiosas telas de que logo no primeiro dia se venderam bastantes.



3. Paysage Suisse (n.º 6 do catalogo).—2. A exposição da Arte Belga na Sociedade Nacional de Belas Artes.



3. Paysage Suisse (n.º 6 do catalogo).—3. Paysage africain—Environ de Landana.—4. Outro aspecto da Exposição da Arte Belga (Clichés Serra Ribetiro).



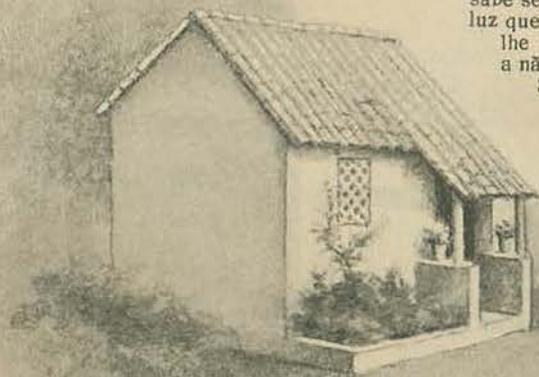
Foi Olavo Bilac quem disse que «quando um poeta morre uma estrela aparece». E' certo. Aparece mais uma estrela no ceu azul das letras patrias. Aparece mais um nome na constelação brilhante dos poetas. Mas não são felizes os poetas. Não sabemos que destino funesto pesa sobre eles, não sabemos que amarga fatalidade lhes beijou a fronte no berço. O certo é que todos os poetas teem na sua trajetória terrena, amargas e desoladas provas. E' ver desde esse Dante, Camões, Chatterton, Milton, Byron. E' ver dos menores Antonio Nobre, Guilherme de Azevedo, José Duro, Cezario Verde. Alguns morrem de fome, outros morrem de tédio e a maioria morre tísica, a pleura da tristeza.

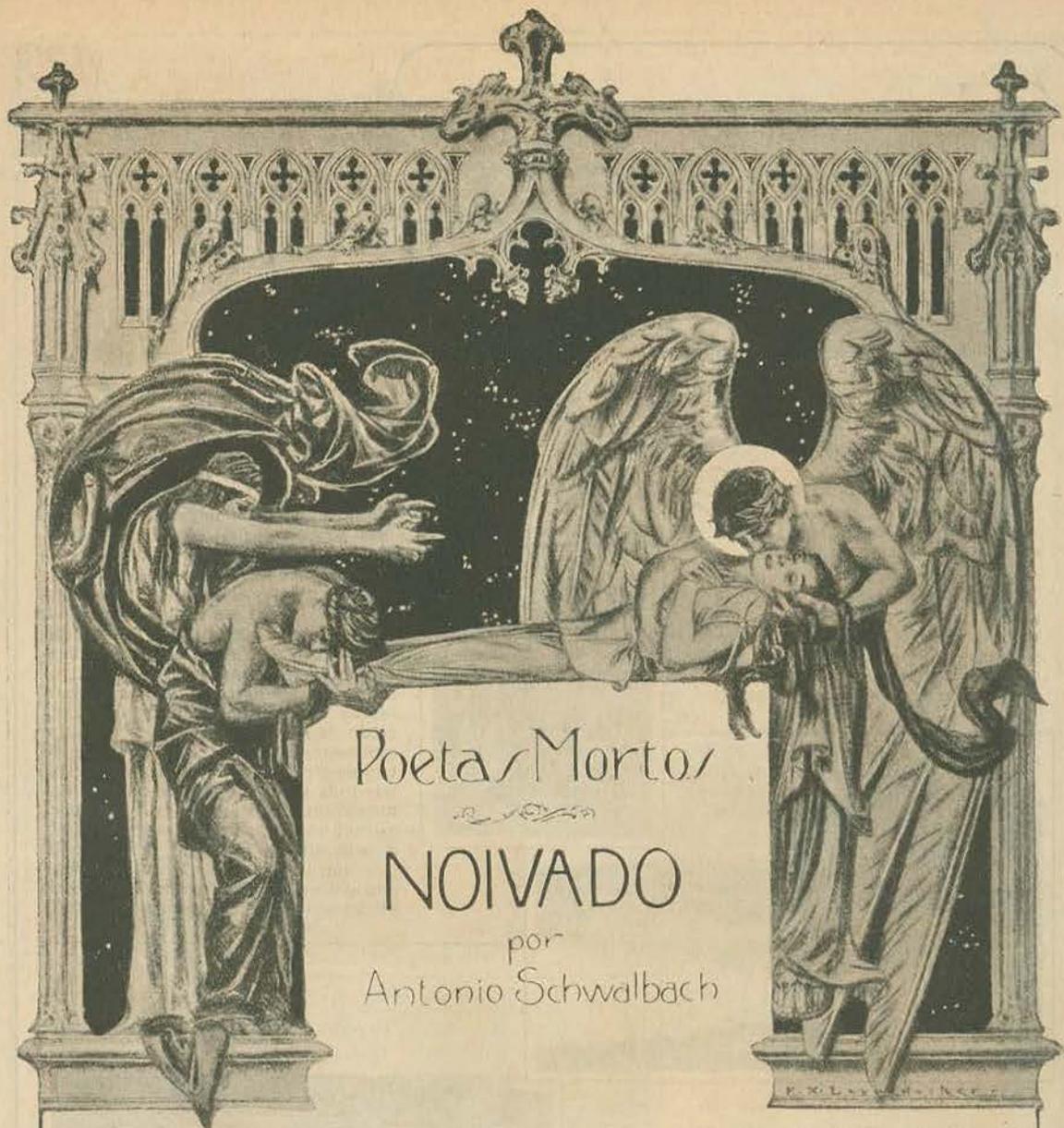
Antonio Schwalbach era moço, estudante de medicina. Era poeta. Que sentido, que estremecido poeta ele era, sabe o leitor folheando o seu pequenino livro, que a Livraria Chardron acaba de publicar, *Noivado*.

Um belo dia entrou de definhar, o outro dia morreu. Como espolio deixou um livro de versos. Como recordação deixou uma funda saudade no coração de todos, um cipreste sempre verde no coração do pai. Esse, o Eduardo Schwalbach da ironia, Mefistofeles do riso, senhor de barão e galhofa, esse nunca mais verdadeiramente soube rir. Tem nos olhos duas fontes encantadas que dão o retrato do filho amado em cada gota de agua que vertem silenciosamente. *Noivado* foi o primeiro e o ultimo livro. Foi o livro do seu amor. Era um poeta? Era, esse moço que a morte levou. Um poeta do seu amor, um lavrante do seu coração, que ele ornamentava com o cuidado de um oleiro etrusco, desenhando maravilhas n'uma anfora destinada ao rei. Sómente... sómente o seu coração levou-o ele consigo e consigo levou os milhares de versos preciosos que poderia ter feito. Não o quiz a Morte. O seu *Noivado*, de que hoje damos um excerpto, não é uma obra espantosa de fabulação ou tecnica, mas é um livro bem português, bem sentido, bem executado. Diz do amor e o amor é como ele diz. E' um poeta que fala e só os poetas sabem falar assim.

D'áí quem sabe lá se isso longe de ser um bem, não será um mal. Quem sabe se a Morte que Antero cria uma «Funerea Beatriz de mão gada» não será afinal uma rameira vil, que se namore dos poetas e como qualquer mundana mude versatilmente de capricho? E quem sabe se essa Theroigne de Mericault, eterna enamorada da luz que o autor do *Noivado* espargia, a esse capricho fatuo lhe não imolou a cabeça gracil e inspirada e por isso a não fez rolar no pó?

Sabe-se lá. Sabemos nós, por acaso, alguma coisa?





Poetas Mortos

NOIVADO

por
Antonio Schwalbach



ão teus estes sonetos sem valôr—
Tão pobres p'rá riqueza da paixão!—:
Lê-os baixo, de modo que o rumôr
Dos seus versos só chegue ao coração...

Entrego-te, a tremer de comoção,
Estes pobres sonetos, em que o ardor
Do meu affecto supre a inspiração
Que falta ao teu amado trovador...

São teus estes sonetos... pois de quem
Podiam eles sêr senão só teus,
— Amôr do meu amôr, bem do meu bêm?!

Ditaste-os tu talvez... e eu só escrevi...
Mas afinal, que importa?— teus ou meus,
São sempre teus, são sempre para ti!

Terra

por
Oliveira Santos

DA Lunda

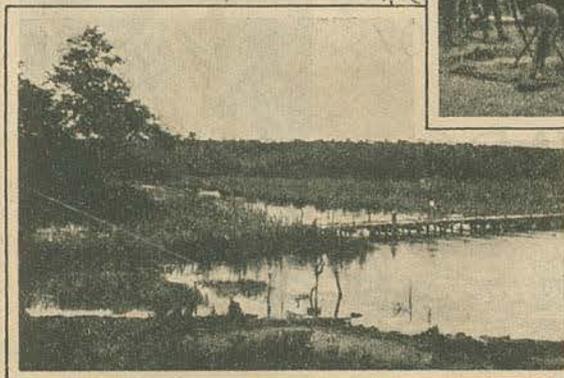


Terras d'Africa Portuguesa, não obstante pizarem-se a mais de mil quilómetros do litoral! Atenuados os ardôres da zona torrida pela altitude de mais de mil e quatrocentos metros, nelas vivem, por ventura torturados pela nostalgia mais ingente, o minhoto, o transmontano, o beirão



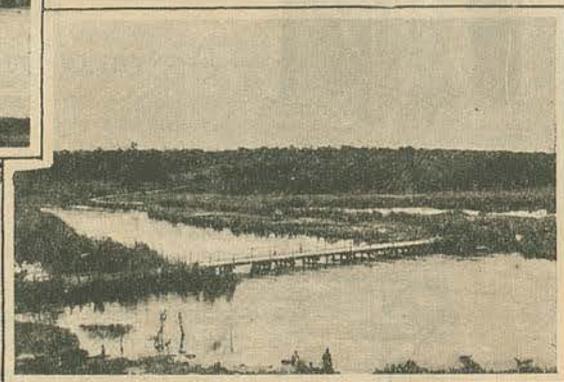
«Companhia de Diamantes da Lunda», mas nem sequer os dirigentes, os técnicos, são portugueses!

Extraiem-se brilhantes das terras da Lunda, manifestam-se já brilhantes nas terras da Lunda e os portugueses — «o branco» como lhes chama o nosso indígena — alheado, completamente alheado de tanta riqueza! Pois o nosso branco: o minhoto, o transmontano, o beirão e o d'aquem Mondego distanciado de Loanda mil e duzentos, mil e quinhentos quilómetros e mais, contempla d'olhos fitos na Bandeira da Patria toda a grandesa do nosso patrimonio colonial. Resignado, como sempre, estranho a luctas de facção, respirando o ar quente do Equador, minado pela Dôr imensa da Saudade, caminha imperturbavel — imperturbavel por essas estradas longas, interminaveis quasi,

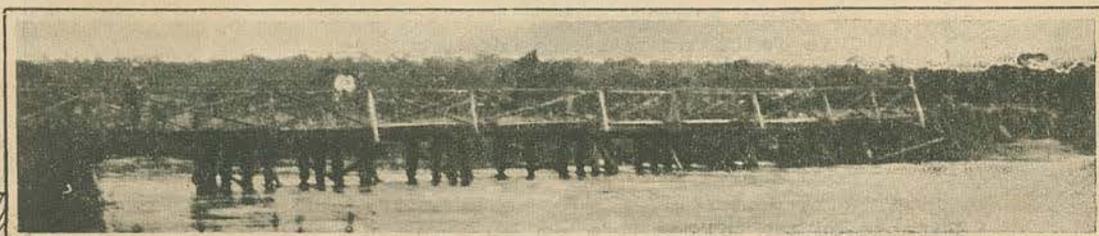


como o d'aquem Mondego, exercendo e assegurando uns, os direitos sagrados da nossa soberania, enquanto outros buscam na febre excitante, na ancia voraz da fortuna, vender ao Estado a «fuba» — farinha extraida da mandioca para alimentação das tropas indigenas, — e vender ao gentio «jardas, infinitas jardas» de pano — mas que pano, Santo Deus!...

Descer ao seio da terra, descobrir-lhe as entranhas e arrancar-lhe o que ela tem de mais rico nem um só português, de origem europeia! Passa de tres mil o número de operarios ao trabalho da



onde a trepadeira e o capim mais luxuriante orvalham e crestam, e assim andam dias, semanas,



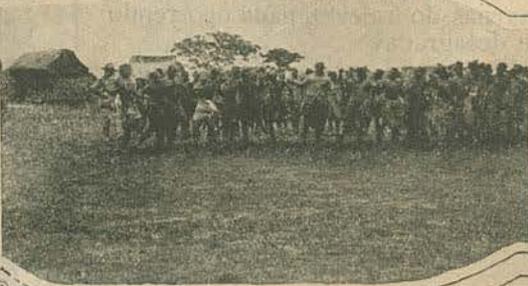
1. Uma quoca de 4 anos com um milhacre e uma espingarda gentilica — 2. O soba Xá-Muriando — 3. A ponte sobre o rio Chicapa — 4. O rio e a ponte Pedralva, outros aspectos.



meses, o róseo transformado em palido-verde da acção palustre, sem encontrar uma iniciativa, um indicio sequer da vitalidade da nossa raça! No entretanto, a nossa Lunda é enorme na extensão e exuberante nas riquezas: não é só a terra dos diamantes, outras fontes inesgotáveis de fortuna ela encerra á mercê do arrojô, do empreendimento



d'arbustos formando longas cadeias dum emaranhado que torna difficil por vezes o acesso ao viandante e onde a «odorifera» presença da «féra» não é raro sentir-se. É sempre afastado destas zônas de verdadeiro sertão que o gentio constrôie as suas povoações «sanzalas» nas quais a população se desenvolve espantosamente.



Dromedarios no trabalho — O governador sr. Oliveira Santos assistindo a um batuque de *quôcos*. — Carros alentejanos — Um

industrial, da acção industrial, da acção transformadora do trabalho e do capital,

É de toda a Angola a região que conta maior número de rios: correm de sul para norte por vezes em caudalosas torrentes, e são inúmeros os seus afluentes, sub-afluentes e simples regatos de menor consideração. Na construção das estradas a maior difficuldade está exactamente na travessia dos rios. Escasseiam os materiais e os technicos para a construção das pontes, todavia, é curioso observar como se lançam pontes como a ponte de «Pedralva» sôbre a «Chicapa» com mais de 40 metros dirigida por officiaes de infantaria e sôbre a qual não passam sómente peões: passaram já, por várias veses, verdadeiros comboios de «camions» com a carga maxima!

A vegetação alterna-se caprichosamente ora em largas e ondulantes perspectivas em extensas «chanas» de vigoroso, alto e variegado capim, ora em densas florestas onde o arvorêdo mais viçoso se entretece com mil e uma variedades



aspecto das manadas do governo. — Um outro aspecto de Saurimo-Lunda. — Um batuque em Tchixacuque. — Exemplos de *quôcos* na Lunda.

— Visitou a Lunda o sr. Visconde de Pedralva, actual Governador Geral d'Angola. Foi o primeiro Governador Geral que teve a coragem de vir até aqui!

Teve em todô o trajecto uma entusiastica aclamação não só por parte dos indigenas mas, sobretudo, por parte dos elementos officiaes e comercial que por intermédio das suas associações o receberam, festivamente Malange, Mussôlo e Saurimo.

Excelentes são estas visitas de inspecção não só porque quem os realisa fica conhecendo de «visu» das suas necessidades como aprecia directa e pessoalmente os serviços prestados e estabelece o indispensavel contacto entre as forças productivas da riqueza colonial.

Pois é interessantissima a Lunda... e porque não veem para aqui os capitais portugueses?...

Oliveira Santos.

Os Acontecimentos

A GRÈVE DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

Como eco dos ultimos acontecimentos e da grève revolucionaria foi esta semana tambem uma semana cheia. Primeiro o enterro dos dois infelizes guardas republicanos que no cumprimento do dever encontraram a Morte. Os ferretos que saíram da Morgue foram cobertos pela bandeira nacional e acompanharam o enterro, que foi imponente, contingentes do exercito e da armada, representantes do Ministerio e do Presidente da Republica e toda a officialidade da Guarda. Muito povo estacionou sempre nas ruas do trajecto, nada occorrendo de desagradavel.

Demitiram-se os officiaes da poli-



Dois aspectos do enterro dos soldados do G. N. R., victimados pelos acontecimentos

cia, velhos e devotados servidores da corporação e da Republica e o sr. governador civil. Substituiu este o sr. dr. Lopes Fidalgo e tomaram conta dos cargos o major sr. Alfredo de Melo Azeredo, commissario geral, e os srs. ca-



Alferes Carvalho, capitão Ferreira, major Azeredo, tenente graça e alferes Freirinha.



O Terreiro do Paço guardado por camions armados.

pitão Antonio A. Ferreira, tenente Adelino d'Almeida Graça, alferes Francisco Gonçalves Freirinha e alferes José Dias de Carvalho, como commissarios de divisão. Como consequencia de todas as grèves e de todo o sucedido

A porta do Jardim Botânico.



Apertando o cerco

as ruas estiveram patrulhadas, mas tudo foi regressando á normalidade, ficando apenas o Terreiro do Paço guardado por «camions» armados e guarda republicana. Voltaram os empregados ás repartições mas os dos Correios e Telegrafos persistiram na sua grève, só agora terminada por mediação da Imprensa.

Uma tarde re-



A remoção dos grevistas dos C. T. para o Governo Civil.

meros grevistas que, removidos em «camions» para o governo civil, foram depois postos em liberdade. A nossa reportagem revela aspectos curiosos d'esse incidente pitoresco e até um automovel cheio de gentis grevistas que, em lugar de lerem a fita telegrafica da estação, foram interpretados d'aquella curiosa fita no Governo Civil.

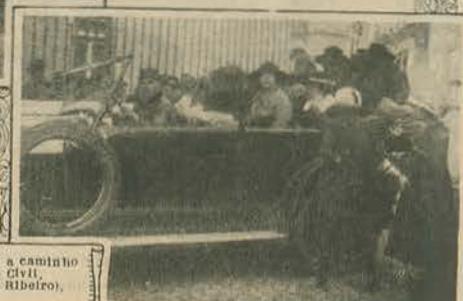
Todavia tudo terminou em bem e sem grandes consequencias. O juizo voltou e as grèves vão a caminho da sua liquidação. Tambem já era tempo...



O inicio do assalto

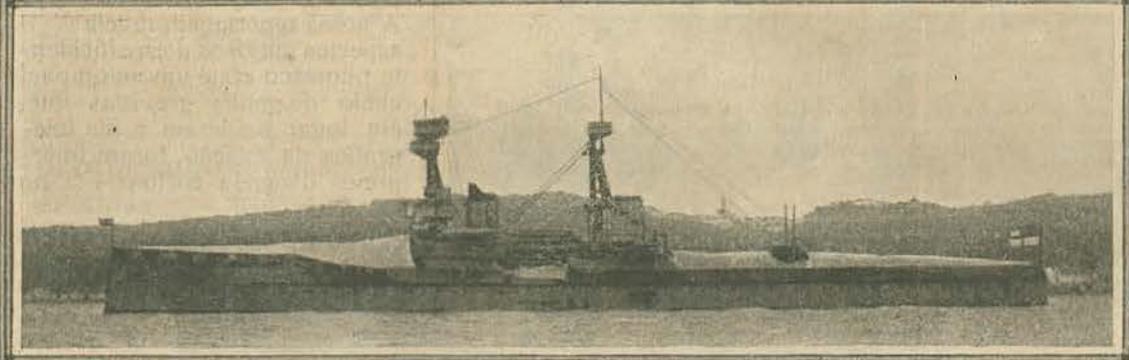
uniu-se o pessoal dos C. T., por decreto tinha sido dissolyda a Corporação, no Jardim Botânico, á Escola Politecnica. Imediatamente o jardim foi cercado e a policia com a guarda republicana o assaltou, prendendo inu-

As telegrafistas a caminho do Governo Civil. (Clichés Serra Ribeiro).



As forças caudinas

O COURAÇADO TEMERAIRE,,



O «dreadnought» *Temeraire*

Vindo de Gibraltar fundeou no Tejo o «dreadnought» inglês *Temeraire*, de 18.000 toneladas e 780 homens de tripulação. O comandante ofereceu um chá ao governo português, tendo para ele sido convidados, além do governo e pessoas de representação, as figuras proeminentes da colônia britânica. O couraçado estava bri-

lhantemente engalanado com bandeiras das nações aliadas e a marinhagem fêz varios exercicios. Apoz o chá dansou-se animadamente, retirando todas as pessoas convidadas encantadas pela festa que o comandante da soberba maquina de guerra lhes proporcionou. O *Temeraire*, apoz a festa, largou do nosso porto.



A bordo do *Temeraire*. O comandante e os convidados

(Clichés Serra Ribello).

Vida Literaria

Entre os livros ultimamente publicados, *Os quadros da Historia de Portugal*, que João Soares e Chagas Franco escreveram, Roque Gameiro e Alberto Souza ilustraram e Paulo Guedes publicou, são um livro que marca pelo seu espirito de vulgarisação e pelo que ele representa de honroso para a editoriação e industrias nacionais. Raro as nossas maquinas de imprimir passam trabalho tão cuidado. *Os quadros da Historia de Portugal* honram uma literatura e uma industria. Nesta ultima parte teve *O Seculo* quinhão, pois foi em parte trabalho das suas oficinas. Não é elogio em boca propria é apenas o «fazem favor de olhar». E se puderem... se puderem e souberem, talvez façam igual.

Agostinho de Campos publicou na *Antologia Portuguesa* os dois primeiros volumes que são o *Bernardes*. E' um trabalho curioso, preciso e que ha muito já devia estar feito. Eduardo Moreira publicou a *Historia Sagrada* em verso para o povo decorar.

Souza Costa e sua esposa D. Emilia de Souza Costa publicaram *As paginas de sangue* e aqueles encantadores livros de que as creanças tanto gostam. José Cordovil mais um livro de versos *Boninas e Malmequeres*. Como se vê a semana literaria não foi despedianda e valeu em qualidade o que outras muito apenas em quantidade têm.

Agostinho de Campos

Souza Costa e sua esposa a escritora sr^a D. Emilia de Souza Costa



1. Roque Gameiro — 2. Alberto Souza — 3, 4 e 5. João Soares, Chagas Franco e Paulo Guedes, Illustradores, autores e editor dos *Quadros da Historia de Portugal*. — 6. Uma aguarela historica de Roque Gameiro, a viagem á frente de rei D. João V. — 7. José Cordovil. — 8. Eduardo Moreira.



O passado, o presente e o futuro revelado pela mão celebre e chiromante fisionomista da Europa



M.^{ME} BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciências, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas aplicações práticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenitney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1000 reis, 2000 e 3000 reis.

Seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1000 reis, 2000 e 3000 reis.

DOENTES

A Moderna Therapeutica Magnetica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NA TURAIS, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constitue

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR as doenças de qualquer orgão: estomago, intestinos, ligado, rins, coração, etc., ou vias urinaarias, respiratorias e circulatorias: hemorroidal, doenças da nutrição, nervosas, artriticas ou linfaticas, paraliticas ou irritativas **por graves e antigas que sejam**: assim o tenho affirmado na minha longa pratica no estrangeiro, e aqui pelas numerosas curas que tenho realisado.

Os que **sofrem não devem, pois, hesitar, a submeter-se aos meus especiais tratamentos**

FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS

De cujos favoraveis resultados **me responsabilizo**. Dr. P. Indiveri Colucci, consultorio **Psico-magnetoterápico**, T. C. João Gonçalves, 20, 2.ª E., ao Intendente.

DOENÇAS DE PEITO
TOSSZ, GRIPPES, LAKYNGITE, BRONCHITE, RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

PULMOSERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMOSERUM"
A tosse socega-se immediatamente.
A febre desaparece.
A oppressão e as punçadas na ilharga socegam-se.
A respiração torna-se mais facil.
O appetite renasce.
A saude reaparece.
As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA DO CORPO MEDICO FRANCEZ, EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAR-O
Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY
15, rue de Rome, PARIS

Ver na proxima quarta-feira o

Suplemento de Modas & Bordados (DO SEGULO)

Preço: 4 centavos



M.^{ME} Tula

Campo Grande, 284, 2.º — LISBOA



Trabalhos só pelo Bem



É o desejado e a Felicidade. Consultas das 15 ás 20 horas a 2500, 5000 e 10000. Enviar 200 para resposta de carta.

Esclarece todos os assumptos. Cura obsessões de Espiritos e mal occulto, por espiritismo e magnetismo; realisa casamentos, harmonisa perturbações domesticas entre casados ou zangas entre namorados, etc., conduzindo pelo melhor caminho para chegar ao

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações.....	300,000\$00
Obrigações.....	288,630\$00
Fundos de reserva e amortização.....	300,000\$00
Escudos.....	1000000\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelrinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermeo (Lousã) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quillos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 276, PORTO, 19, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 605. Porto, 117.

Loja MODELO

Casa especial de espartilhos e meias. Uma visita ao nosso estabelecimento devem Vv. Ex.º fazer, a titulo de experiencia.

ROCIO, 4 e 5 — Telefone 21566

CASA RUBI

Telefone: Central 3851

Iluminação, higiene e aquecimento.

120 — R. DOS RETROZEIROS — 122 — LISBOA

Deposito geral no PORTO: Consultorio Denfario J. Matos, Rua Sá da Bandeira, 235. — Em LISBOA: E.

TONIKIM
O ALIMENTO E JUVENTUDE DOS CABELOS

—SIVA, Rua Arco Bandeira, 207, 2.ª, E. —Em BRAGA: Gomes & Matos, Avenida Central. — No BRAZIL, PARA: A. Matos, Rua Padre Prudente, 66.

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA ORACA, Limit.ª

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

Cá e lá



O espanhol, lendo o Seculo :

—Caramba! quantos petardos em Lisboa!

O português, lendo El-Sol :

—Arre! quantos petardissimos em Barcelona!



PALESTRA AMENA

Tratar com crianças

Lemos a noticia de ter aparecido em Nova York um livro, assinado pela professora da Universidade da California, R. D. Cather, que trata das historias para creanças: quais as que se devem contar ás crianças, segundo a idade, o geito de as contar, etc. de modo que tal literatura não seja inutil, ou mesmo prejudicial aos pequenos seres a quem é destinada.

Aquella gente da America do Norte é extraordinaria! Pois não se entretém uma professora de Universidade com bagatelas como estas? Ocupasse essa senhora uma cathedra europeia — portugueza, por exemplo — e veria como o ridiculo a inutilitaria, se exercesse a sua actividade tão infantilmente!

E depois, que diabo viria ensinar-nos a tal Cather, que nós não estejamos fartos de saber? Quem ignora que o *Conto da Carochinha* é o mais proprio para entreter as crianças, já pelos episodios imaginativos, já pelo seu fim educativo, qual é o de avisar as crianças que não devem brincar junto da ohaminê, quando se esteja a fazer o jantar, porquanto foi por se ter aproximado demasiadamente do caldeirão que lá morreu cosido o João Ração?

E se julga que por cá não sabemos ilustrar as crianças, tambem está redondamente enganada.

D'um pai sabemos nós que a uma filhinha de seis anos ensinou, para ela recitar como prenda, deante dos estranhos, em que consistia a precessão dos equinoxios...

Vejamos o que diz a tal magica, segundo o escritor que extratou:

«A criança dos tres aos seis anos aproximadamente interessam-lhe as coisas familiares conhecidas mais do que imaginadas: o pai, a mãe, os cães, os gatos, as galinhas, as vacas, etc. Gostam muito n'essa idade da imitação dos gritos e sons das vozes dos animaes...»

Estão os senhores a ver uma professora de Universidade portugueza a cacarejar, a grunhir, a zurrar, etc. Já se viu desconchavo maior, indignidade mais accentuada?

«Quando as crianças começam a perder o interesse pelos contos que se referem ás coisas que as rodeiam, entram n'um mundo de ficção e de imaginação, n'um periodo no qual lhe é grato ouvir aquilo que está mais longe das suas visões: é a epoca que corresponde á narração primitiva das raças...»

Não ponha mais na carta, Quer *miss* Cather que aos sete anos se conte aos petizes a historia da maçã da mãe Eva e do pae Adão. Havia de dar bonitos resultados!

Entre os oito e os doze anos quer a professora que se contem aos garotos e garotas biografias dos grandes ho-

mens de acção, Cristovão Colombo, Pizarro, Nelson, Napoleão, etc.

Mas então não serão preferiveis os heroes nacionaes? A uma criança da nossa terra não são mais para contar as proezas do João Brandão, ou dos heroes actuais, que não citamos, pelo embaraço da escolha?

Segue-se, para a *miss* o periodo romantico: exige que ás crianças de treze anos se narrem as Cruzadas... Mas, ó senhora Cather! aos treze anos, entre nós começa-se a namorar — não ha tempo para ouvir historias: lê-se o *Secretario dos amantes*, os meninos intrometem-se com as raparigas que passam e as meninas vão para a janela, á espera que as catrapisquem...

Conclusão: estamos por cá muito mais adeantados do que na America e não é de aconselhar que se preencha o espaço dos jornais com a transcrição d'estas ninharias, quando tão momentosos assuntos reclamam a nossa atenção, como sejam as sub-divisões do partido democratico, as birras dos grupos liberais e outras questões de igual magnitude...

J. Neutral.

Os dois tipos

Isto, tambem, não pode ir de afogadilho. As pessoas sensatas querem um só tipo de pão, mas a moagem não quer e está claro que não é d'um momento para o outro que se dá um desgosto tamanho a entidades tão habituadas a mimos como é a dita moagem. Devagar se vai ao longe, mas com tempo.

Vamos ter agora dois tipos de pão, um d'eles com 250 gramas de ratos, baratas, caixas de tremoços, etc. é o pão ordinario—e o outro apenas com 50 por cento d'estas mercadorias—é o pão de luxo.

Seguir-se-ha novo diagrama (que palavra tão linda!) ou seja peso menor de



porcaria no pão ordinario e maior no de luxo. Terceira fase: o pão ordinario quasi isento de porcarias e o de luxo quasi saturado d'elas. Quarta fase: o pão unico—quicá todo de porcaria! —Mas n'esse caso, observará o leitor incauto, sempre o pão de 2.^a ordem vai melhorando em qualidade.

Não, menino. A diminuição de porcaria, a que nos referimos, corresponde á diminuição de peso: quando o pão ordinario tiver apenas 50 gramas de ratos, carochas, cascas de tremoços, etc. não quer dizer que tenha o resto de trigo, porque o seu peso total será precisamente de 50 gramas.

Atraz dos dois tipos virá quem bons os fará.

Barateamento

Os ultimos decretos sobre o barateamento dos generos alimenticios produziram imediatamente um efeito benefico—qual foi o de se venderem os ditos generos pelo preço da tabela official, e os restantes pelo dobro do que até aqui se pedia por eles. Exemplificando: uma pessoa vai a uma mercearia, com tenção de comprar meio quilo de manteiga.

—Quanto é? pergunta.

O mercieiro:

—Um quartinho: é o preço da tabela.

—Dê cá.

—Mas é preciso que compre qualquer outra coisa no valôr de cinco mil réis...

E o freguez, para economisar na manteiga, não tem remedio senão desperdiçar no chourico ou n'outro qualquer ingrediente de que não precisa.

Lembram-se d'aquella historia da viuva, que contámos ha muitos anos, em verso? Ela aí vai, agora em prosa, para variar.

Morreu um camponio e deixou em testamento á viuva um porco e um coelho, com a recommendação de vender os dois animais no mercado da vila proxima.

—O dinheiro que te derem pelo porco, ordenou, é para mandares dizer missas pelo meu eterno descanso; o que te derem pelo coelho é para ti.

Fechou os olhos, e foi andando d'esta para melhor, na convicção de que pouco tempo se demoraria no Purgatorio, porque o porco era gordo e não dava para menos de duzentas missas, quantidade suficiente para lhe resgatar os pecados que tinha cometido n'este vale de lagrimas.

A esposa enxugou as lagrimas e no primeiro domingo dirigiu-se á vila, levando o coelho dentro d'uma cesta e o porco a pé, gulosamente conduzido por algum milho que a dona ia espalhando pela estrada.

Instalou-se na feira e esperou os compradores, que não faltaram, em vista do belo aspecto do suino.

—Quanto custa o porco, tiasinha? perguntavam.

—Cinco tostões!

Pasmo justificado. Mas logo a manhosa viuva acrescentava:

—Não se vende senão juntamente com o coelho.

—E quanto custa o coelho?

—Cem mil réis!

Novo pasmo, tambem justificado, mas como o porco valia na realidade os cem mil réis o negocio realison-se dentro em pouco.

No dia seguinte a viuva cumpria religiosamente a vontade do esposo, entregando ao prior cinco tostões para missas, e guardava na arca os seus ricos cem mil réis, para o que desse e viesse.

O viuvo ainda a estas horas está no Purgatorio, apesar da historia se ter passado ha bons vinte anos.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa:

Istimo que estas duas régras te in-
contrem de felis caude i mal á ubrigas-
são ca minha ó fazer desta é bóa gras-
sas a deus i ó sr. Antonio Batista pra-
sidente do menisterio, ámem. Lanso
mão da pena pra te pratecipar que nu
tucante a triatos u que mais me deu
nu gotto oltimamente foi uma pessa
intaliana xamada in purtuguez *Alma
forte* i lá na Intalia *Titano* cus tardu-
tores nan concervaram purque u noço
puvlico é munto 'stúpido i nan cabe
quem era u tal Titan. Cujo Titan é u
novo ator Alves da Cunha, que isteve
ósente nu Brasil uma data de tempo i
que nan desaprendeu as lisões que cá
arresebeu, antes pello cuntrairo. In-
trou na guerra, foi forado pur umas
poucas de ballas, murreramle a mulher
i us filhos mas ainda ficou milhor que
dantes; cando se alevantou da cama
veio cum mais forsa i cum muntos pru-
jetos pra indereitar as coisas lá na In-
talia, que pellos modos nan correm
bem; tem, cumo touda a jente oltima-
mente tinsão de aporveitar as quedas
du Douro i a inrigasão du Alimtejo,
cunfando cum u dinhelro que tem d'um
banco de çusiidade cu conhado Ribe-
ro Lopes. Pois cim mas u ditto Ribe-
ro introu pella jugatina, metteuce cum
mulheres de falar i fez muntas oitras
roubalheiras de maneiras cu Alves da
Cunha case que ia tendo um ataque
apulético, mas nan teve purque ce



alembrou de que é Titan. U que fica é
munto arrependido de ter feito u casa-
mento da mana, qui é a Ara Aberan-
xes, cum u marouto du Ribeiro Lopes
i tão predido de cabessa parrasse que
inté acuncelha a mana a purtarce mal
cum um gajo que ella namuriscava in
colteira. Já ce vê, a mana que é touda
onradezes nan vai nu botte. U Ribeiro
finge que foje pró Brazil mas nu ulti-
mo ato volta a casa munto arrependi-
do i resolve ir atirarce ó mar di acor-
do cum u Alves da Cunha cujo este
acaba pur aceitar um imprego nu me-
nisterio du trabalho ó coisa açim, de-
quelarando que nunca foi tão vallente
cumo n'aquelle instante i infectivelmen-
te é prezizo cer munto Titan pra cum

EM FOCO



Actor Alves da Cunha

*Quando eu oiço dizer em ar sombrio
Que tudo em Portugal é decadencia
Investigo o passado com paciencia
E de tal pessimismo desconfio.*

*Já tinha meu avô esse feito,
Tinha meu bisavô essa demencia:
Em rapazes tudo era competencia,
Em velhos tudo mau e com bafio.*

*Pois para confirmarem esse engano,
Se querem acabar com tal descrença
Que em tudo tem causado tanto dano*

*E não passa, afinal, d'uma doença,
Vão ver o Alves da Cunha no «Titano»...
Já se sabe, se as bombas dão licença...*

BELMIRO.

u urdenado çustentar a mana i a ço-
brinha. A tese da pessa é provar cus
atores novos tamem ção capazes de
arrepresentar bem i que moressem cer
aplodidos cumo foram us trez ditto
artistas inclusivelmente uma pequer-
ruxa xamada Marilla tão bem induca-
da á ingueleza que nan faz caso ni-
nhum du pai. Gastei de toudos i istou
arresulvido a levalos nu vrão ó noço
Paulitama ce xigarem ó presso. Cum
isto nan infado mais nem cei cando
esta te xigará ás mões pur cosa da
grevia dus correios mas in toudo u ca-
so mêmo que nan tenhas nutissias mi-
nhas nan te dê cuidado purque erva roi
não a cresta a jiada. Inté cando deus
quixer arresebe códosas alimbransas
du teu isposou ósente i ubrigado

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama
de Peras Ruivas.

Opiniões sobre o vestuario

Sugestionados por aquela sabia opi-
nião da illustre atriz Palmira Bastos
sobre os vestuarios baratos—como de-
vem ter lido, opinou por as senhoras
se vestirem com lenços de Alcobça—
resolvemos intrevistar sobre o assun-
to outra atriz igualmente categorisa-
da, para sabermos em que havemos de
ficar.

Tratando-se de fatos economicos,
é claro que estava indicada, em pri-
meiro logar, Angela Pinto.

—Já sei o que queres, disse-nos ela,

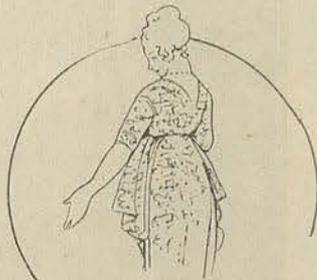
recebendo-nos com a mais requintada
amabilidade.

—Saber se já pensaste como as se-
nhoras possam vestir barato.

—Pensei. O que se quer é fazenda
nacional, porque a de fóra custa um
dinheirão.

—Então?

—Então, um vestido feito exclusi-
vamente de rendas de Peniche ou de



bordados da ilha da Madeira, está na
conta.

—Simple, não é assim?

—Muito simple; apenas com apli-
cações de ouro e prata...

—Nada de brilhantes, hein?

—No vestido, nem um, porque são
carissimos. O fecho das ligas é que
deve ser de brilhantes, mas coisa ba-
rata.

—De modo que uma *toilette* de se-
nhora nunca deve custar mais de...

—Nunca deve custar mais de dez
contos de reis. E' absolutamente ne-
cessario ser economico...

Confusão natural



A dona da casa, para o recémchegado, que está pobremente vestido:

— Vossmecê é o pedreiro que eu mandei chamar, não é?

— Não, minha senhora: sou o advogado que v. ex.^a esperava.

— Ah! então o pedreiro?

O janota:

— Sou eu, camarada!